

A DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRECONCEITOS E ESTEREÓTIPOS

Albino Fernandes¹
Aline das Neves Pereira²
Maria Carolina G. S. Freitas³
Matias Louredo da Cruz⁴
Sandra Elaine Aires de Abreu

Resumo: O tema trabalhado no presente artigo é “A Docência Masculina na Educação Infantil: preconceitos e estereótipos.” O objetivo geral trata-se de trazer a reflexão sobre o tema, podendo contribuir com a historiografia e com a discussão para a desconstrução de um pensamento preconceituoso, sexista e estereotipado sobre o gênero docente na educação infantil. A abordagem da pesquisa foi qualitativa. Quanto aos meios de investigação foi utilizada a pesquisa bibliográfica e os dados foram complementados com uma entrevista, em 2022, com um professor da educação infantil de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) da Secretaria Municipal de Educação de Anápolis. O aparecimento do professor homem no ambiente escolar é escasso e até mesmo reprovado por diversas circunstâncias que serão faladas ao longo do artigo. Em decorrência disso, a maioria dos docentes nessa faixa de ensino são mulheres. Um dos principais argumentos que se usa em favor da permanência das mulheres professoras é o seu presumido instinto maternal, considerado como inato e mais adequado ao seu papel de educadora. Conclui-se, portanto, que faz-se necessário a desconstrução desse pensamento sexista e errôneo, inserindo a figura masculina na docência infantil, de modo a desconstruir a imagem de que a pedagogia é uma profissão inteiramente feminina, além de valorizar a mesma, trazendo efeitos positivos como a representatividade social.

Palavras-chave: Docência Masculina. Educação Infantil. Preconceitos. Estereótipos.

INTRODUÇÃO

O tema do trabalho é a docência masculina na Educação Infantil: Preconceitos e Estereótipos.

O Censo Escolar brasileiro de 2016 revela que há no referido período, 575 mil docentes na educação infantil brasileira, sendo 554 mil mulheres e 21 mil homens. Quer dizer, para cada professor homem numa creche ou sala de pré-escola, há 26 mulheres (BRASIL, 2016).

¹ Albino Fernandes. Acadêmico do 7º período do curso de Pedagogia do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA). 2021. E-Mail: joiafernandes60@gmail.com

² Aline das Neves Pereira. Acadêmica do 7º período do curso de Pedagogia do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA). 2021. E-Mail: alinenevespereira3@gmail.com

³ Maria Carolina G. S. de Freitas. Acadêmica do 7º período do curso de Pedagogia do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA). 2021. E-Mail: mariacarolina.gsf@gmail.com

⁴ Matias Louredo da Cruz. Acadêmico do 7º período do curso de Pedagogia do Centro Universitário de Anápolis (UniEVANGÉLICA). 2021. E-Mail: matiasloredo14@gmail.com

⁵ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora da Universidade Evangélica de Goiás (UniEVANGÉLICA) e da Universidade Estadual de Goiás (UEG). sandraaaa@yahoo.com.br

Considerando essa realidade do cenário brasileiro na educação infantil Caetano (2019) diz que a presença masculina vai crescendo nas escolas de educação básica à medida que aumenta à idade das crianças e conforme a função da educação se torna mais técnica e especializada, uma vez que os cuidados dedicados principalmente às crianças pequenas estão mais relacionados às mulheres. Nesse sentido, Piazzetta (2000, p.2) afirma que, “o discurso que se perpetua até hoje, é que homens são considerados incapazes de ter a sensibilidade feminina necessária para cuidar das crianças”. Para Sayão (2005) essa discussão revela um preconceito sobre o homem na educação infantil.

Analisando a literatura sobre o tema “docência masculina na educação infantil” nos chamou a atenção os estereótipos e os preconceitos em relação ao gênero masculino e feminino nessa fase escolar, como acima mencionado. Desta forma delimitamos como objeto/objetivo desta pesquisa analisar a docência masculina na educação infantil, tendo como foco os preconceitos e estereótipos.

A produção historiográfica sobre a temática “docência masculina na educação infantil” é incipiente, por este motivo a reflexão sobre o tema é relevante, podendo contribuir com a historiografia e com a discussão para a desconstrução de um pensamento preconceituoso, sexista e estereotipado sobre o gênero docente na educação infantil.

A abordagem da pesquisa foi qualitativa. Quanto aos meios de investigação foi utilizada a pesquisa bibliográfica e os dados foram complementados com uma entrevista, em 2022, com um professor da educação infantil de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) da Secretaria Municipal de Educação de Anápolis. O aparecimento do professor homem no ambiente escolar é escasso e até mesmo reprovado por diversas circunstâncias que serão faladas ao longo do artigo.

1. Preconceitos e Esteriótipos voltados para professores homens na educação infantil

Na Psicologia Social, uma das definições frequentemente utilizada para o preconceito é exposta por Allport (1954), ela a define como uma reação negativa

com uma pessoa visando sua religião/crença, ou atitudes, ou modos de agir e que ela tem as características negativas atribuídas a um determinado grupo.

Essa ação negativa seria formada por dois componentes: um seria o cognitivo, a categoria de generalização que permite comparar e agrupar as coisas, e a outra seria a disposicional, que manifesta a inimizade, a hostilidade, que acende comportamentos discriminatórios (JONES, 1972).

Outras definições também podem ser encontradas nos dicionários, no dicionário da Oxford Languages (JONES, 2022) por exemplo, podem se encontrar as seguintes definições:

1. qualquer opinião ou sentimento concebido sem exame crítico. ideia, opinião ou sentimento desfavorável formado sem conhecimento abalizado, ponderação ou razão; 2. sentimento hostil, assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio; intolerância.3. conjunto de tais atitudes." combater o preconceito.'

O preconceito para Camino e Pereira (2000) é definido como relação intergrupual, ou seja, é organizada em volta das conexões de poder entre grupos, criando representações ideológicas que fundamentam a expressão de atitudes negativas e pejorativas, assim como a demonstração de condutas hostis e discriminatórios com membros de grupos minoritários.

Pettigrew e Meertens (1995) certificam que no momento atual, o preconceito mostra-se com modos negativos de emoções se tratando de emoções positivas a um determinado grupo ou pessoa alvo do preconceito e, sobretudo, pelo fortalecimento das diferenças culturais exposta na visão de que os membros dos outros grupos não aderem aos valores do seu grupo social que está inserido.

Assim como o “preconceito”, pode-se encontrar também no dicionário Aurélio (FERREIRA, 2022) a seguinte concepção:

Padrão estabelecido pelo senso comum e baseado na ausência de conhecimento sobre o assunto em questão. Concepção baseada em ideias preconcebidas sobre algo ou alguém, sem o seu conhecimento real, geralmente de cunho preconceituoso ou repleta de afirmações gerais e inverdades.

É notório que o “preconceito” está relacionado a concepção de “estereótipo”. Segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2022) estereótipo significa clichê e chavão, ou forma compacta obtida pelo processo estereótipo. De acordo com Goffman (1998), o estereótipo está relacionado com a falta da

aceitação social plena no decorrer do processo de construção de significados por meio da interação. A sociedade impõe como o indivíduo deve ser, tornando essa imposição algo normal e natural, podendo resultar em indivíduos marginalizados dentro de uma comunidade.

No contexto social do setor educacional, o preconceito direcionado ao docente masculino destaca-se nos pais, corpo docente e educadoras, que geralmente mostram concepções que negam o cuidar e educar na Educação Infantil partindo da figura masculina. Geralmente, apresentam a docente feminina como responsáveis pelos cuidados e higiene das crianças na Educação Infantil, ligando-as ao modelo maternal. A prática desses estereótipos desconsidera o processo pedagógico da prática docente, como cita a Base Nacional Comum Curricular (VASCONCELOS; BORGES; SALOMÃO, 2020, p. 493).

A partir do momento em que o professor adentra uma escola na Educação Infantil, diversas críticas, atitudes e pensamentos aparecem, por parte de toda a comunidade escolar, geralmente, são questionamentos e opiniões preconceituosas formadas, que impedem e prejudicam o bom andamento e trabalho daquele professor (OLIVEIRA; SOUZA; NASCIMENTO, 2020).

Vasconcelos, Borges e Salomão (2020) ressaltam que uma instituição de ensino que preza pelo desenvolvimento íntegro da criança, não visa a criminalização ou o preconceito em destaque, mas sim, o que o profissional tem a agregar para a instituição e seus educandos, oferecendo um ambiente educacional que respeita os direitos humanos e a diversidade

Vasconcelos, Borges e Salomão (2020) também citam que, a vivência de uma educação que perpassa pela liberdade de atuação profissional. Desse modo, uma educação que garanta os direitos humanos imprescindíveis na estrutura educacional, oferecendo às crianças um ambiente que tanto não limite a prática dos educadores, quanto o desenvolvimento infantil.

A partir disso, a desconstrução de um pensamento preconceituoso, sexista e errôneo, deve ser efetuada, de modo que a presença de um homem na educação infantil traga significado social e representatividade (OLIVEIRA; SOUZA; NASCIMENTO, 2020).

2. A presença feminina em maior quantidade na educação infantil

Segundo o Censo Escolar de 2016 o número de mulheres na educação infantil é maior em quantidade que o de homens (BRASIL, 2016). Neste sentido, Carvalho (1996) ressalta que em seus estudos, no final da década de 1990, esse também era o na educação infantil no Brasil. Rodrigues (2008) ao investigar a mesma temática, depara-se com realidade semelhante na primeira década no século XXI, que persiste na segunda década do referido século de acordo com os dados de Brasil (2016).

A presença feminina em maior quantidade na educação infantil, no Brasil, em comparação com a masculina, tem sido objeto de questionamento de algumas pesquisas.

Neste sentido, Rodrigues (2008) afirma que o papel de educar não é apenas feminino, ele é também masculino. Sendo necessário um diálogo sobre gênero na educação escolar, em especial, na educação infantil. Ressalta ainda que, geralmente, o homem não é visto como pedagogo. O autor nos leva a entender que há situações hoje vistas na educação infantil brasileira que passa a ser de domínio total da figura feminina.

O ambiente educacional brasileiro nasceu como um local, um espaço predominantemente masculino. Os primeiros educadores eram homens (sacerdotes católicos) e os mesmos é que tinham a função de educar os meninos sobre todo e qualquer conhecimento construído por outros homens (PIAZETTA, 2015 apud OLIVEIRA, 2018).

De fato, a atividade docente no Brasil foi iniciada por homens, em particular, os jesuítas e os professores régios. Mas, a partir da Lei de 15 outubro de 1827 foi possível vislumbrar algumas mudanças que demonstraria também a presença feminina na sala de aula das províncias do Império do Brasil (SAFFIOTI, 2013).

Outro aspecto que marca a entrada das mulheres no magistério primário, foi no final do período imperial e início do republicano, quando os professores começaram a abandonar o magistério primário, devido entre outros aspectos, à baixa remuneração e se inseriram na docência do ensino secundário e superior. (KULESZA, 1998; MOACYR, 1936; TANURI, 2000). Daí em diante as mulheres

foram ocupando esse campo de trabalho, até assumirem de forma preponderante a docência na educação infantil e nos anos iniciais.

Vale ressaltar que a sociedade em geral acabou por agrupar de forma nítida os comportamentos esperados pelo gênero feminino e pelo gênero masculino e conseqüentemente as profissões que "adequam-se" aos mesmos. Desse modo, torna-se importante refletir sobre os tabus ou dogmas construídos pela sociedade, e mantidos através dos tempos em sua cultura (PRAÇA, 2016).

Com o objetivo de analisar como os preconceitos, estereótipos, "dogmas" e tabus que permeiam o cotidiano escolar da educação infantil, fizemos ao nosso entrevistado a seguinte pergunta: Sendo professor homem na educação infantil, você sentiu algumas facilidades ou desafios na sua jornada como professor? A resposta foi: "Alguns olhares maldosos de pais no começo até incomodam, mas a partir do convívio, depois de avaliarem todo seu trabalho e verem que realmente você faz a diferença na vida da criança esses comportamentos mudam." (Informação verbal, 2022).

Sobre as reações negativas dos pais, as críticas do corpo docente e as desconfianças da sociedade, em relação ao professor (do gênero masculino) na educação infantil, Silva (2014) afirma que nestas circunstâncias, os professores acabam se sentindo na obrigação de "provar diariamente sua capacidade" e suas "verdadeiras intenções" como educadores, além de não se sentirem à vontade para lidar com as crianças de tão pouca idade, devido aos olhares preconceituosos, da própria comunidade escolar e da sociedade. O que os levam a assumirem a gestão escolar, e abandonar a sala de aula.

Foi perguntado também entrevistado se ele observou alguma mudança no comportamento dos indivíduos aluno, professores, gestão escolar, pais ou responsáveis), por ser um homem na educação infantil? Ele afirma: "[...] mas quando veem seu profissionalismo, afeto e o trabalho desenvolvido com as crianças, tudo muda." (Informação verbal, 2022).

Levando em consideração a literatura analisada nessa investigação e as respostas dadas pelo professor entrevistado, inferimos que as críticas negativas a comunidade escolar e da sociedade, em relação ao trabalho do docente masculino da educação infantil, podem prejudicar o bom trabalho do professor e seu desempenho em sala de aula, além de, afetar diretamente a escolha das profissões, levando o indivíduo a seguir uma profissão tendo como parâmetro de

escolha os padrões impostos pela sociedade, no que se refere às profissões “adequadas” ao gênero masculino e feminino.

Perguntamos ao professor entrevistado, sobre alguma situação desconfortável ou desafio que já tenha passado, ele respondeu da seguinte maneira: “Um pai de uma criança autista criou uma certa birra por eu ser homem e cuidar do filho dele, em relação a higiene, troca de fraldas e etc”. (Informação verbal, 2022).

A especificidade da educação infantil está no binômio educar/cuidar e o cuidado e a educação de crianças têm sido habitualmente, em nossa cultura, imputados à atuação das mulheres (SAYÃO, 2005). Essa concepção explica a atitude do pai descrita pelo professor entrevistado, em relação ao filho autista. E revela os estereótipos do perfil do profissional que deve trabalhar na educação infantil.

Contrariando esse estereótipo, ressaltamos que, o caráter formativo, nas instituições de ensino superior, nos diferentes cursos, independente do gênero é o mesmo. Tanto as mulheres quanto os homens recebem a mesma instrução durante a formação acadêmica, os dois são qualificados da mesma maneira para atuarem profissionalmente. E isso se estende para a formação da pedagogo/a.

Apesar de não haver separação de gênero na formação acadêmica nas universidades brasileiras do ponto de vista legal e curricular, há o preconceito dos próprios acadêmicos em relação ao gênero de acordo com as diferentes profissões. Nesse sentido, perguntamos ao entrevistado como se sentia, durante a sua formação acadêmica, numa turma predominantemente formada por mulheres? A resposta foi a seguinte: "No começo havia certo preconceito, achavam estranho um homem fazer um curso voltado ao público feminino, mas habilidades e competências pra exercer a profissão é de valia pra todos". (Informação verbal, 2022).

E perguntamos também qual a era a opinião dele sobre a ruptura de padrões de cursos tidos como “masculinos” e “femininos? Ele respondeu: "Acho muito aceitável e plausível, estamos em pleno século 21, e não há restrições em escolher o que gosta de fazer, não existe padrões mais, estamos em uma sociedade evoluída onde fazemos o que gostamos independente do que". (Informação verbal, 2022).

O pedagogo homem atuando revela uma nova compreensão na educação formadora. Essas definições induzidas pelo meio que está inserido desde cedo, contrapõe-se com comportamentos profissionais posteriormente, onde são vistas mulheres como pedagogas, o que deixa nítido a distinção por parte dos homens para ser inserido nessa carreira desde breve. É fundamental refletir, pois o ato de ensinar é moral e revolucionário para a instituição, é condizente entre homem e mulher, pois as profissões que se entende o ato de “cuidar” devem assumir o “compromisso moral”. (VIANNA, 1998)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob as circunstâncias apresentadas em relação aos preconceitos e estereótipos da docência masculina na educação infantil, é possível salientar que, a sociedade em geral precisa intervir, mudando o olhar preconceituoso e estereotipado que às vezes acontece nas diversas instituições de ensino do país quanto à presença do docente masculino na educação infantil.

Quando o docente masculino é apresentado aos pais no primeiro dia de aula, muitas vezes a visão dos mesmos que traz é diferente, isso não quer dizer que o professor não seja capaz de ser titular de uma sala e sim que a sociedade já está acostumada com o oposto do docente masculino.

Em decorrência disso, a maioria dos docentes nessa faixa de ensino são mulheres. Um dos principais argumentos que se usa em favor da permanência das mulheres professoras é o seu presumido instinto maternal, considerado como inato e mais adequado ao seu papel de educadora.

Conclui-se, portanto, que faz-se necessário a desconstrução desse pensamento sexista e errôneo, inserindo a figura masculina na docência infantil, de modo a desconstruir a imagem de que a pedagogia é uma profissão inteiramente feminina, além de valorizar a mesma, trazendo efeitos positivos como a representatividade social.

REFERÊNCIAS

ALLPORT, Gordon W. **The Journal of Abnormal and Social Psychology**, Vol. 50(1), jan. 1954, 154-156. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/h0038319>>. Acesso em: 12 maio 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.

BRASIL, Censo Escolar. Pesquisas Educacionais. In: **Número de mulheres na educação infantil é maior em quantidade que o de homens.** [2016]. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/fevereiro-2017-pdf/59931-app-censo-escolar-da-educacao-basica-2016-pdf-1/file>>. Acesso em: 28 fev. 2022.

CAETANO, A. P. A. Complexidade da mudança e da formação – uma perspectiva de religação e diálogo. In: FLORES, Maria; VIANA, Isabel. **Profissionalismo docente em transição: as Identidades dos professores em tempos de mudanças.** Cadernos CIED, Braga: Universidade do Minho, 2019.

CAMINO, L; Pereira, C. (2000). O papel da Psicologia na construção dos direitos humanos: Análise das teorias e práticas psicológicas na discriminação do homossexualismo. **Perfil**, 13(13), p. 46-69.

CARVALHO, Djalma Pacheco de. A Nova Lei de Diretrizes e Bases e a Formação de Professores para a Educação Básica. **Ciência & Educação** (Bauru), Vol. 5, N. 2, p. 81-90 [1996].

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

JONES, J.M. [1972]. **Prejudice and racism Reading, Massachusetts:** Oxford University Press: Addison Wesley, 2022.

KULESZA, Wojciech Andrzej. A institucionalização da Escola Normal no Brasil (1870-1910). **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.** Brasília, v. 79, n. 193, p. 35-62, set./dez. 1998.

MOACYR, Primitivo. **A instrução e o Império: subsídios para a História da Educação no Brasil (1823-1853).** v. 1. São Paulo: Nacional, 1936.

OLIVEIRA, Márcio; SOUZA, Marinês Viana; NASCIMENTO, Jefferson Araújo. Docência masculina na Educação Infantil: percepções de pedagogos egressos do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Amazonas. **Revista de Educação, Ciência e Cultura.** Canoas, v. 25, n. 3, p. 145-163, nov., 2020.

OLIVEIRA, Ricardo da Cunha. Docência Masculina na Educação Infantil. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 03, ed. 12, v.1, p. 80-94. dez. 2018.

PIAZZETTA, Tamara. O masculino na docência na educação infantil e anos iniciais. **Sbece**, v. 14, n. 14, p. 61-88, mai./jul./ago. 2000.

PRAÇA, Marco. **A relação profissão e gênero, a sociedade e sua cultura.** Centro Universitário Moura Lacerda, São Paulo, v. 1, p. 51-64, nov. 2016.

PETTIGREW, T.F.; MEERTENS, R. W. [1995]. Subtle and blatant prejudice in Western Europe. **European Journal of Social Psychology**, n. 25, p. 57-75.

RODRIGUES, Diego Pires Rodrigues. **Paradigmas do homem na pedagogia: A atuação do pedagogo como fonte de transformação da educação**. Centro de ciências humanas Universidade do sagrado coração, Bauru. São Paulo, p. 24-25, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 61-290.

SAYÃO, D. T. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche**. 273f. 2005. Tese. (Doutorado). Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.

SILVA, Alex Amaral. **Vozes Masculinas na Educação Infantil: um sonho possível**. Rio Grande do Sul – PUCRS, 2014. Disponível em: <<https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/silva.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2021.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**. [2000]. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a05.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

VASCONCELOS, Dalila; BORGES, Lucivanda; SALOMÃO, Nádia. O professor homem na educação infantil: O que pensam pais, mães e educadoras? **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. 42, p. 480-506, jul./dez. 2020.

VIANNA, C.; RIDENTI, S. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. In: AQUINO, Julio Groppa. **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, p. 96-97, 1998.